

“A CONSTRUÇÃO DO CORPO” E AS ATIVIDADES FÍSICAS

Aline Praxedes de Araújo
Edna Maria Nóbrega Araújo*
UEPB/PIBIC
aline_praxeds@yahoo.com.br
edna.n@terra.com.br

O presente trabalho é fruto de discussões da pesquisa de Iniciação Científica da Universidade Estadual da Paraíba, intitulada *Histórias do Corpo e da Beleza no Brasil a partir dos Enunciados das Revistas Femininas*, que tem por objetivo analisar a articulação das revistas femininas e sua ação social mediante o público-leitor, levantando discussões sobre gênero, mídia, beleza e corpo, atrelada de produções bibliográficas que abordam a mesma temática, estruturadas em discussões da História Cultural. Especificamente trataremos da revista *Boa Forma* num recorte temporal dos anos de 1988 a 2005.

Toda a vulnerabilidade da comunicação mostra à inconstância dos sujeitos, esses que são partícipes ativos da construção histórica formulando intencionalmente a memória preservada, nos apresentando os indícios do olhar seletivo de alguém que individualmente integra junto ao meio a responsabilidade da construção subjetiva de um fato.

Partindo desse princípio, no presente artigo, usamos como objeto de estudo o corpo e algumas de suas particularidades sociais, culturais e temporais. Edificando nossa abordagem a partir da gestão social do corpo, como Corbin apresenta-nos.

Aos poucos impõe-se a consciência da gestão social do corpo. Nesta nova perspectiva culturalista, o corpo aparece como resultado de uma construção, de um equilíbrio estabelecido entre o dentro e o fora, entre a carne e o mundo. Um conjunto de regras, um trabalho cotidiano das aparências, de complexos rituais de interação, a liberdade de que cada um dispõe para lidar com o estilo comum, com as posturas, as atitudes determinadas, os modos usuais de olhar, de portar-se, de mover-se, compõem a fábrica social do corpo. As maneiras de se maquiar, de se pentear, inclusive de se tatuar – se necessário, se mutilar – e de se vestir, são igualmente características do gênero, da classe etária, do *status* social ou da pretensão de pertencer a determinada classe. Até a própria transgressão manifesta a força do contexto social e ideológico. (CORBIN, 2008, p. 8-9) (Grifos do autor).

* Profa. Universidade Estadual da Paraíba, Doutora, PIBIC.

Atualmente, estudamos a representação do corpo muito além de sua constituição biológica como os órgãos, vísceras e músculos; como propõe Goellner (2003); mas o corpo que é formado com seu entorno como suas roupas, acessórios e linguagens, ou seja, a estrutura de aparatos que somam para uma representação social do mesmo, mecanismos estes que são distinguidos pela cultura que estão inseridos e pela temporalidade como ponto de distinção, tendo em vista que cada época estabelece suas representatividades em quaisquer campos sociais não sendo diferente a sua proposta ao campo da beleza, como nos observa Eco (2004), onde estabelece um princípio de admissão e repulsa, representando o belo e o feio, extremos que se completam coerentemente, formulando os sentidos e propostas específicas de seus contemporâneos. Entrementes, nossa discussão nesta produção destaca apenas a questão do corpo belo na contemporaneidade.

Segundo Garcia (2005), o debate a respeito do corpo parece ser tema efervescente, sobretudo pela complexidade tenaz que se expõe no contemporâneo. Observam-se as “(trans/de)formações do corpo e, com elas, instauram-se ‘novas/outras’ mediações entre o cuidar da aparência física e de sua representação sociocultural.” (p. XIV). Nesse sentido não nos cabe julgar “os artifícios de (trans/de)formação do corpo, apenas reconsiderá-los como prática discursiva na ordem da espetacularização corpórea”.(p. XIV) Privilegia-se a aparência como condição fundamental a sociabilidade da cultura contemporânea.

A nossa pesquisa é baseada na revista feminina *Boa Forma*, lançada pela Editora Azul, quando em 1998 passa a fazer parte dos títulos da Editora Abril¹, ambas de uma mesma matriz, sendo diferenciada pelo fato da Editora Abril ser a primeira enquanto a Editora Azul, criada em 1986, segue como uma proposta da Abril para atuar no mercado

¹ A Editora Abril foi fundada no Brasil por Victor Civita, segundo dados oficiais da própria Abril, Cesar Civita se torna o representante da Walt Disney Productions na América Latina, podendo conceder licenças comerciais e nomear representantes para outros países, em 1941 o mesmo estabelece na Argentina a Editorial Abril, sendo considerada a irmã gêmea da brasileira, Cesar Civita foi o responsável pela Editora Abril no Brasil, país que no momento tinha um aparente potencial e não estava sendo investido, mas por falta de dinheiro para investimento o mesmo convenceu seu irmão para abrir uma filial em nosso país. Em documento oficial da Editora brasileira há registro datado de 1967 declarando que em primeiro de novembro de 1947 a editora começou a funcionar numa sala à Rua Libero Badaró, sendo reformada em julho de 1950, em São Paulo, chamava-se S.A.I.B. Sociedade Anônima Impressora Brasileira, apenas em 1962 que passa a ser denominada de Distribuidora Abril. Para mais informações sobre a Editora Abril, ver tese de doutorado de Mira (1997).

apenas com a publicação de revistas segmentadas², além de ser mais flexível, ágil e criativa. Correspondendo assim as necessidades sociais do momento, que buscavam uma produção editorial mensal específica sobre determinado conteúdo.

A *Boa Forma* surgiu como um encarte especial da revista *Saúde!* da Editora Azul em 1986, encarte este que fez grande sucesso em vendas por tratar especificamente de fitness, pois, foi a primeira a tratar do tema no Brasil, se tornou revista em 1988, seu conteúdo era voltado ao público das academias, fazendo uma ampla abordagem sobre atividades físicas, aparelhos para condicionamento físico e o mundo dos esportes com seus lançamentos e notícias; apenas em 1992 ela adapta-se ao público feminino, após uma pesquisa em que constatou que 65% de seu público era composto por mulheres, não abandonando assim as questões de saúde e bem-estar físico e mental; após 1998 a revista passa a pertencer a Editora Abril, momento que a ela passa assumir uma caráter mais estético.

Boa Forma tem por limiar apresentar artigos voltados à manutenção da saúde do corpo, isso do primeiro ao último exemplar de nossa pesquisa, induzindo a conquistar um corpo livre de colesterol ruim, depressão, hipertensão e stress; problemas ocasionados pela desproporção de peso; além disso, a busca por esse corpo “perfeito”, transmitindo a beleza saudável que se figura no sucesso profissional e pessoal, permitindo uma melhor relação interpessoal concluindo no bem-estar individual, pois, segundo o discurso produzido, o sujeito que mantém um bom condicionamento físico não necessita se contiver entre os demais ou constranger-se por qualquer motivo que seja; portanto, a revista traz todo um aparato para solucionar todos os problemas que podem vir a “prender” a leitora a vida sem qualidade, sem exercícios físicos, sem beleza e saúde, mostrando-se cada vez mais instigante para transformar a vida e o corpo de suas leitoras.

Mais do que conquistar este corpo, as leitoras são induzidas a mantê-los, para que não voltem à vida sem saúde e beleza, para tanto a revista se mostra cada vez mais atrativa, trazendo as novidades sobre o assunto e reportagens de apoio as leitoras. Como vemos no depoimento abaixo:

Alice Sampaio, 39 anos, jornalista, 1,69m, 66 quilos. Já chegou a pesar 80.

² Revistas segmentadas são revistas geralmente de circulação mensal que priorizam a verticalização de conteúdos.

“Sempre fui magra. Era inclusive atleta. Mas, por uma série de motivos como depressão, ter parado de fumar, problemas conjugais e profissionais, passei a comer feito uma louca. Conclusão: engordei muito. Ali pelos 80 quilos me perguntei: onde vou para? Lembrei-me de que nem durante a gravidez tinha pesado tanto. Como estava desempregada, resolvi então, ir para um SPA. Remédios para emagrecer, nunca mais, pois depois de várias tentativas, além de ficar deprimida, tive uma intoxicação. De repente, no Spa Fit Solarium, eu tentava fazer os exercícios que não fazia há tempos. Mas a falta de condicionamento era tanta, que eu não conseguia. Chorava de desespero e frustração. Mas a vontade maior de perder peso me deu forças. Comecei a correr até sozinha e me empenhei nos exercícios. As colegas de Spa comentavam meu progresso. E eu respondia com orgulho: “é porque faço todo e qualquer exercício até o fim”. Hoje, mais magra e já trabalhando, continuo freqüentando uma academia para manter a forma. E sou muito mais feliz”. (BOA FORMA, 1993, p. 30)

Esse depoimento integra uma matéria intitulada “Acredite, eles eram gordos!” mais uma reportagem de estímulo, trazendo pessoas anônimas com suas histórias de superação para evocar que é possível “chegar lá”, naquele corpo “perfeito”, seguindo a felicidade dos que conquistam em paralelo apresentando os benefícios atrelados ao corpo bonito, no caso de Alice Sampaio, ela conclui: “hoje, mais magra e já trabalhando, continuo freqüentando uma academia para manter a forma. E sou muito mais feliz”. Uma mulher que teve/tem problemas e sofreu com as dificuldades, mas a revista apresenta as suas leitoras para estimular a iniciativas de várias, além da continuidade das demais.

No entanto, não são apenas as mulheres anônimas que ilustram as páginas de *Boa Forma*; a partir de 1992 a revista começa a apresentar as mulheres famosas como exemplos de superação e aquisição do desejo. As celebridades ganham impulso e integram todas as edições a partir de 1998, quando o periódico passa a título da Editora Abril, assim, a revista se aproxima mais de suas leitoras, descarrilando a aquilo que Andrade chama de Pedagogia Cultural:

As artes, as ciências, as tecnologias e a mídia de um modo geral (cinema, TV, música, revista...) são consideradas instâncias de produção do corpo porque desenvolvem uma pedagogia voltada para a educação dos corpos de homens e mulheres, de jovens e velhos/as, de brancos/as e negros/as. Estes aparatos preocupam-se em ensinar modos mais “adequados” de viver a vida. Entendo que estas instâncias educam, disciplinam e regulam os corpos como qualquer outra instância educativa e são, por isso, concebidas como Pedagogias Culturais. (ANDRADE, 2003, p. 119)

Estabelecendo uma troca de poder entre mídia e sociedade, quando a mídia indica o que “deve” ser feito para manter uma vida saudável e próspera, uma desmistificação do poder que é encaminhado ao público que a sustenta. Uma via de mão

dupla que ostenta os extremos da sociedade entre o anonimato e a celebridade como nos fala Villaça (2007), quando o anonimato é encantado pela glória da fama, pelo poder exercido pela nova autoridade: a celebridade.

Nesse ponto vemos como *Boa Forma* constrói um discurso em volta do corpo “perfeito”, aquele conquistado através de intensas e diárias atividades físicas, diferentemente de outros periódicos que associam o emagrecimento as dietas “milagrosas”. A revista apresenta poucas dietas, em suma, ela nos alerta insistentemente a substituição dos alimentos gordurosos por mais saudáveis, realizando uma reeducação alimentar e adotando um “estilo de vida”.

As famosas mostram-se cada vez mais atraentes, mulheres com percurso de vida e conquistas que várias anônimas almejavam/ almejam a vida daquelas que se tornaram a “divina inspiração”, um corpo “perfeito” que ganha uma representação “divina” por ter a musculatura altamente definida, um corpo que trabalha como os outros, que é ocupado e que mesmo assim é mais que belo, é “divino”, é fonte de inspiração as “pobres mortais”.

Se existe uma mulher capaz de convencer a nós, pobres mortais, de que dá para chegar lá, é ela. Prepare-se para desvendar todos os seus segredos! [...] Ela é linda, exibe um corpo escultural e malhadésimo, é mãe coruja de três filhos, faz sucesso como profissional e empresária, tem um programa na TV, encontrou seu príncipe encantado e está comprando a casa de seus sonhos. A vida de Solange Frazão não lembra um conto de fadas? Sim, mas não daqueles em que a princesa ganha tudo num passe de mágica. Nossa heroína passou por toda a sorte de dificuldades e desafios até chegar a um merecido final feliz. (Boa Forma, 2000, p. 65)

Solange Frazão, uma das mulheres mais presentes nas edições de *Boa Forma*, por ser um grande exemplo daquelas que desejam chegar ao sucesso, extremo esse representado pelo *status* de celebridade, corpo saudável e belo, conquista afetiva do “príncipe encantado”, com um paradigma desses para muitas mulheres que o tomam por base, fica quase irresistível não aderir à luta diária com esforços contínuos até também ser merecedora do “final feliz”, estória discursada pelos contos infantis que ganham nomes próprios, imagens reais e vida através das páginas de uma revista mensal que objetiva oferecer mecanismos para uma vida saudável, portanto, próspera e longa.

A mídia reforçou a participação do corpo físico na constituição da subjetividade de dois modos. Primeiro, pela propaganda comercial de cosméticos, fármacos e instrumentos de aperfeiçoamento da forma corporal; segundo, pela identificação de certos predicados corporais ao sucesso social. O último aspecto é o fundamental. (VILLAÇA, 2007, p.140)

Concluimos que em nossa sociedade o corpo ganha um estatuto representativo do sujeito, chegando até a alguns momentos a ser determinante sob o sucesso do mesmo mediante sua articulação social; ponto de trabalho adotado pela *Boa Forma*, um corpo feminino que ganha espaço no campo midiático, corpo este belo, saudável e responsável pelo sucesso daquele que o tiver. Associado a exibição desse corpo que é jovem apesar do tempo não parar, um corpo que ganha à eternidade através da mídia, onde o tempo passa, inclusive a matéria bela que pausa em pleno ar, nos possibilitando resgatar seus indícios e estabelecer os paradigmas adotados pela sociedade.

BIBLIOGRAFIA

AMOEDO, Carlos Henrique. Acredite, eles eram gordos! **Boa Forma**. Ed. 68; n° 2; p. 29-32; fev, 1993.

CORBIN, Alain. **História do corpo**: Da Revolução à Grande Guerra. Sob a direção de Alain Corbin, Jean-Jacques Courtine e Georges Vigarello. Tradução de João Batista Kreuch, Jaime Clasen. Revisão da tradução Ephraim Ferreira Alves – Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

DEL PRIORE, Mary. **Corpo a corpo com a Mulher**. Pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil. São Paulo: SENAC, 2000.

ECO, Umberto. **História da Beleza**. Tradução de Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Record, 2004.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História do Tempo Presente: Desafios. **Cultura Vozes**. Petrópolis, v.94, n°3, p. 111-124, mai/jun, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1987.

GARCIA, Wilton. **Corpo, mídia e representação**: estudos contemporâneos. São Paulo: Thomsom, 2005.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução, Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. 11. ed., Rio de janeiro: DP&A, 2006.

LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre.(Orgs.) **Corpo gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo. Petrópolis, Vozes, 2003.

NOVAES, Joana de Vilhena. Beleza e feiúra: Corpo feminino e regulação social. In: **História do Corpo no Brasil**. São Paulo: Editora Unesp, 2011, p. 477-506.

PENTEADO, Olga. Solange Frazão: divina inspiração. **Boa Forma**. Ed. 159; n° 9; p. 64-69; set; 2000.

VIGARELLO, Georges. **História da beleza**. Tradução de Léo Schlafman. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

VILLAÇA, Nízia. **A edição do corpo: tecnociência, artes e moda**. Barueri, SP: Estação das Letras Editora, 2007.